DEMOCRACIA NO ACESSO AOS ALIMENTOS

FÁBIO KAGI

Gerente adjunto de Inovação e Sustentabilidade da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)

SEMPRE QUE eu questiono "por que o homem planta?", a resposta que recebo, na grande maioria das vezes, é que é para ganhar dinheiro. Naturalmente, é uma resposta correta, mas essa não é a origem da agricultura, que nasceu ainda nos tempos do homem das cavernas.

Quando o homem começou a plantar, passou a ter mais próximo de si um dos três itens básicos para a sua sobrevivência: o alimento. Assim, os avanços da agricultura sempre estiveram intimamente ligados à sobrevivência da nossa espécie. Não há como negar que precisamos produzir comida, além de fibras e energia, pois sempre haverá a necessidade de produzir mais do que o consumo global, até porque sempre haverá algum desperdício.

Precisamos de muita comida para alimentar as 7 bilhões de pessoas do mundo atual. E será necessário aumentar em 50% a produção de energia e em 70% a produção de alimentos para atender as demandas futuras de quase 10 bilhões de pessoas. Pensando na evolução da demografia em um sentido mais amplo, os ancestrais humanos habitam o Planeta há mais de 5 milhões de anos, e a população teve um crescimento lento e estável até chegar a 1 bilhão de pessoas, por volta do ano 1800, marcado pelo capitalismo e pelo início da explosão das populações urbanas. Antes da moeda, cada família precisava produzir o seu alimento, porque as relações comerciais eram de escambo. Com o dinheiro, as pessoas podiam estar nas cidades, trabalhando em outras atividades, e comprar seus alimentos. E, assim, diante dos atrativos urbanos, as populações nas cidades não param de crescer frente ao campo, e temos cada vez menos gente produzindo para alimentar mais pessoas.

Com a sua Ciência, o homem, certamente, será capaz de aumentar a produção de alimentos. Mas, se já sobra comida, por que há fome no mundo? Porque o problema está no acesso aos alimentos. O problema nunca foi a falta de comida, e sim a falta de dinheiro – ou alguém duvida que a comida chegaria aos povos hoje famintos se eles tivessem o capital necessário para comprá-la?

Se a demanda pelos alimentos é uma crescente constante, são os ciclos de oferta que determinam os preços. Em qualquer quebra global da produção, os preços sobem. Certamente, quem tem renda consegue comprar os alimentos necessários. Mas e quem não tem? Os aumentos de preço dos alimentos criam uma desigualdade social cada vez maior. Em face do aumento da população e das justas pressões pelo não desmatamento, há outra solução que não seja aumentar a produtividade das áreas com o uso de insumos?

Deixo, aqui, uma reflexão: será mesmo que a produção de alimentos social e ambientalmente justa é aquela que preconiza a volta ao passado nas técnicas de cultivo? Aquela que vende os seus produtos pelo dobro do preço porque produz menos e precisa de mais mão de obra? Será que a sociedade quer voltar aos patamares de preço do século XIV, em que, por exemplo, o açúcar era tão raro e dispendioso que era conhecido como "ouro branco", chegando o seu quilo a custar US$ 100?

Uma vez, li uma frase cuja autoria desconheço: "Quem tem o prato cheio de comida pode ter vários problemas, mas aquele com o prato vazio tem um só". ■